

Da Liberdade: Respirações

Ana Luísa Amaral¹

identidade

atrás de nós
os mastros

à nossa frente
os monstros

e na parede
os astros

1. Professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

As cores da servidão

1.

Entrou no avião para a primeira fila,
e era loura, mala de mão
macia em boa pele

À sua frente, e jovem como
ela, o marido elegante e confortável
na cor da sua íris internacional

Atrás dos dois, na fila de embarcar,
e era quase menina, uma criada,
touca branca e bordada
e uma criança
aconchegada ao peito

Eram, em provisório, senhores dela,
os donos do seu tempo e vida,
gestos sagazes como lince
jactantes de poder

E negra, ela, sem caminhar suave
de gazela, sentou-se com o filho que era
deles na fila mais ao fundo
do longo corredor

2.

vestida de criada, não era
carnaval, era real, a touca
e farda de moderna escrava

dos seus donos, embora
transitórios, olhos de lança
fitando uma gazela, olhar

que haviam de passar
ao filho, descansando pesado
de encontro ao corpo dela

A outra servidão: paisagem com dois cavalos

Estão lado a lado,
naquela praça em frente da igreja,
nesse calor de quando o mundo oscila
na linha de horizonte,
e o rio quase defronte:
uma miragem

Estão lado a lado,
sujeitos de pé, as cabeças tombadas para a frente,
unidos pelo jugo desigual, a carroça apoiada no muro
mas pronta a ser unida aos corpos deles

Estarão feitos assim: velhos amigos,
os corpos encostados mesmo neste calor,
pela aliança muda?

Arreios, cabeçadas, todos os instrumentos
do que parece ser mansa tortura
mais o freio, ou bridão,
parecido com aquele colocado na boca das mulheres
que desobedeciam,

e era isso há muito tempo,
pelo menos quatro séculos,
ou semelhante ao que se usava
nos escravos, cobrindo-lhes a boca
para que não se envenenassem,
porque se recusavam a viver
escravos
e era isso quase agora, no século passado

Mas eles não criam caos nem desacato,
não se revoltam nem tentam o veneno
se o freio agudo lhes fere, pungente,
gengiva, língua, osso

Só se encostam quietos, um ao outro,
cabeças derrubadas para a frente,
à espera do chicote
que chegará depois com a carroça, pronta
para a entrega das coisas
humanas, o comércio

E é esta a mais perfeita
das colonizações

O tom da liberdade

Aprender pela minha gata
o tom da liberdade:
o estar quando se quer
e o não estar quando não
— de coração sombrio
a feliz coração

em ronronar.
Ah! tanta brandura há
no seu bem-estar sem estar
exactamente

como eu.
O pesadelo ausente
da forma de se estar
contente: uma alegria
de ser gato

ou gente.
A tristeza banida?
E o tom da liberdade?
Feliz a tempo inteiro,

a minha gata?
Mas como, se as paredes
são fechadas e as noites de miar
uma utopia?
Só no telhado e em pura nostalgia:
o cheiro

a tempo
verdadeiro –

A luta

Era uma vez,
num quarto de rapariga,
uma gaveta cheia de livros
permanentemente ameaçados
pela possível ocupação
de um enxoval.

Que fazer?
Deixarem-se continuar sossegados
à espera que lençóis tontos
e toalhas inúteis
lhes viessem invadir o território?
Lutar pela posse dos direitos
tão arduamente
conquistados?

Fez-se um plenário,
única solução nestas questões,
mas não havia maneira
de chegarem a acordo.
Bem vêem: quando o problema
é de ordem geral...

Exaltaram-se os ânimos.

O *Estrangeiro*,
que não concordava com formas
violentas de actuação,
agrediu O *Príncipezinho*
rasgando-lhe sem dó nem piedade
as folhas centrais.

O *Frankenstein*,
adepto de uma marcha silenciosa
e orgulhoso portador de capa plastificada,
rasgou violentamente a capa colorida
de uma antologia poética francesa
que, pela desigualdade de circunstâncias,
nada mais pôde fazer que gritar um alexandrino,
de modo patético
e comovedor.

No fim,
ninguém escapou ileso.

Secretários, oradores,
exibiam num misto
de sofrimento e orgulho
cicatrizes gloriosas.

Até *Édipo*, o Presidente,
numa altura em que pedia calma,
foi despojado da sobrecapa
e arrastado mais de dez centímetros pela gaveta
onde ficou inerte, de folhas abertas:
quase inutilizado.

Agora, o problema não era
o invasor, mas a divisão interna,
os ódios recalçados.

O que interessava agora
era sobreviver,
ser livro.

Isso
compreendeu-o a edição
traduzida e anotada de *Hamlet*,
que, esquecida a um canto,
observando
com olhinhos piscos
a turba ululante, murmurava:

Ser ou não ser, eis a questão,
Ser ou não ser, eis a questão.